

## ARGUMENTAÇÃO E PERSUASÃO: TENSÃO ENTRE CRER E SABER EM “FAMIGERADO”, DE GUIMARÃES ROSA

Waldir BEIVIDAS<sup>1</sup>

Ivã Carlos LOPES<sup>2</sup>

- RESUMO: Diferentemente de outras teorias mais próximas da retórica, a semiótica da Escola de Paris nunca foi muito pródiga ao tratar dos problemas de persuasão e argumentação. A partir de uma constatação simples como essa, procuramos, neste artigo, pôr à prova certos dispositivos semióticos que têm suas consequências nesse domínio, a começar pela problemática modal do crer e do saber. Seus valores são examinados num tipo de situação específica, a saber, quando as personagens confrontadas se acham em circunstância de ameaça imediata a sua integridade física. Nesse sentido, discutimos três tópicos principais: (i) a interação dos valores modais do saber e do crer, componentes de um mesmo universo cognitivo; (ii) as modulações tensivas do medo e das paixões correlatas; (iii) as formas de raciocínio inferencial mobilizadas pelas personagens do relato, e notadamente as ilações *abduativas* postas em cena. O texto escolhido para a verificação do alcance e dos limites de tais dispositivos semióticos é o conhecido conto de Guimarães Rosa, “Famigerado” (*Primeiras estórias*, obra originalmente publicada em 1962).
- PALAVRAS-CHAVE: “Famigerado”. Guimarães Rosa. Narratividade. Paixões. Crer. Saber. Persuasão.

*O medo é a extrema ignorância em momento muito agudo*  
Guimarães Rosa (1985, p. 14).

No final dos anos 80 passados, diferentes semioticistas reconheciam, entre outras insuficiências, não ter a disciplina cuidada, até então, de desenvolver mais diretamente uma *teoria da argumentação* ou estudo sistemático de uma racionalidade argumentativa. A instância de “manipulação” (FAZER-FAZER), mormente através do *fazer persuasivo* [FAZER-SABER / FAZER-CRER] – COM O SEU correlato: *fazer interpretativo* [CRER-SER/PARECER] –, parecia cobrir satisfatoriamente o regime das trocas interativas entre actantes narrativos e, por extensões daí decorrentes, entre parceiros da comunicação, em ato e situação. Ora, frente

---

<sup>1</sup> USP – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Linguística, São Paulo – SP – Brasil. 05508-900 – waldirbevidas@gmail.com.

<sup>2</sup> USP – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Linguística, São Paulo – SP – Brasil. 05508-900 – lopesic@usp.br.

à enormidade dos estudos argumentativos (provenientes da Retórica e de algumas de suas herdeiras contemporâneas, como a Análise do Discurso/AD e a Pragmática), temos de reconhecer que ainda hoje mínguem no campo semiótico estudos mais sistemáticos sobre possíveis estratégias sintáticas e semânticas, modais e tensivas, que possam matizar singularmente os movimentos cognitivos da argumentação, sob o ponto de vista da semiótica.

Todavia, antes mesmo de procurarmos pistas para uma teorização semiótica da argumentação, não podemos ignorar ou abandonar alguns postulados e atitudes epistemológicas que estão fincadas na base da teoria. Desde um texto de rememorável importância, que pode ser considerado espécie de marco de implantação ou entrada da Semiótica no Brasil (“*L'énonciation: une posture épistémologique*”, texto publicado em 1974 a partir de palestras proferidas no ano anterior), Greimas insiste, breve, mas com muita clareza, que, se assumimos integralmente a epistemologia saussuriana – e sua semiótica a assumiu –, temos de reconhecer que a ciência não descobre ou explora alguma “verdade”, verdade intrínseca ao mundo real, algo de efetivamente ‘verdadeiro’ no mundo. Verdade e verdadeiro estão excluídos dessa epistemologia saussuriana. Ao invés disso, a ciência cria “pontos de vista” sobre a massa bruta desse real e, com isso, cria os “objetos” que constituirão sua arena exploratória. Sua tarefa então não é mais aquela, positivista, de encontrar “verdades parciais” aqui e acolá, mas de ‘construir’ uma “veridicção” interna na composição de seus conceitos descritivos. Excluída por definição toda a verdade, a ciência só pode ser um discurso que tenta legitimar sua “veridicção” própria no rigor da *coerência* interna dos seus conceitos, na abrangência da *exaustividade* da descrição e na clareza da *simplicidade* de suas definições e formulações: são os três princípios de base da teoria segundo Hjelmslev (2006, p.11).

Então, por todo desejo eventual de ecumenismo, de convivência pacífica e harmoniosa com disciplinas afins, ela não pode, no entanto, ceder ao aparente conforto de importar conceitos já dados em outros campos do saber – por exemplo, no presente caso, os de argumentação ou persuasão –, importá-los de outras disciplinas (da Retórica, da Pragmática, da AD) e transportá-los direta e singelamente para a sua arena cognitiva, sem passar pelo crivo das demais construções conceptuais da teoria, como se eles por si sós, por essa simples importação, bastassem para dar conta de um ou outro recanto da própria semiótica, recanto por vezes ainda carente de uma formulação própria.

Fazê-lo significa incorrer exatamente no que ela pode e talvez deva prevenir sobre atitudes de algumas disciplinas, de uma AD, por exemplo. Esta, ao que tudo indica e salvo engano, compõe-se contínua e paulatinamente de conceitos emprestados em vários ramos do saber. Basta consultarmos seus dicionários, ou o rol dos conceitos aí intervenientes, para verificarmos que são conceitos, alguns

procedentes da região psicanalítica, outros da região pragmática, outros tantos da região filosófica, sociológica e mesmo, num ou noutro caso, da semiótica. Segundo pensamos poder dizer, a partir da epistemologia saussuriana da semiótica, tal procedimento incorre exatamente na atitude que estamos vendo com suspeição: a de que a verdade estaria contida em vários lugares do saber, preenchidos por essas disciplinas afins (cada porção em um lugar), ao modo de cada tijolo de uma casa. Basta garimpá-la nos conceitos oferecidos aqui e ali, e construímos uma boa teoria, digamos, mais verdadeira e adequada aos objetos. Certa ou erradamente, entendemos nisso uma postura epistemológica um tanto “positivista”: a de considerar que o mundo oferece parcelas de verdade distribuídas aqui e ali, nas disciplinas laterais, e, coletadas as porções de verdade colhidas nessas disciplinas afins, isso enfim nos daria ensejo a construirmos uma vasta disciplina ecumênica onde os conceitos importados ladeariam uns aos outros e conviveriam serena e irmanamente. Ecumenismo de uma verdade abrangente ou colcha de retalhos veridictórios? Eis uma pergunta que esses tipos de atitude teórica têm de se colocar.

Se deixamos entre parênteses definições sugeridas recentemente pelos estudos pragmáticos sobre a argumentação – dar razões ou boas razões, mais fortes ou menos fortes para se admitir uma conclusão e uma adesão; partir de razões ou argumentos aceitos para chegar aos menos assegurados –, podemos preliminarmente nos valer do discurso do senso comum, dicionarizado. O dicionário de uma língua sempre foi uma fonte preciosa para a Semiótica, que vê nele a própria arena do imaginário humano na distribuição das significações e efeitos de sentido dos signos. Ela preza o dicionário mais do que, por vezes, formulações fortemente amarradas ao dispositivo teórico das disciplinas que tratam de um ou outro conceito.

No caso da *persuasão*, vêmo-la distribuída numa intersecção interessante com a *demonstração* e a *argumentação*. Aqui a língua estabelece gradientes, por exemplo, o de estatuto lógico: *demonstrar* tem um sentido mais lógico, digamos ‘superior’, de estabelecer uma verdade de modo evidente e rigoroso. Num degrau ‘inferior’, *argumentar* tem menor força lógica, a de apresentar razões ou raciocínios para se obter uma conclusão. Por fim, *persuadir*, no degrau menos nobre da hierarquia, embora o mais abrangente é levar a pensar, a querer, a crer, a fazer (através de adesão completa, tanto sentimental quanto intelectual). Poderíamos simplificarmente apresentar essa hierarquia dizendo com brevidade: um teorema se demonstra, por uma idéia se argumenta, por uma intenção se persuade. Nessa simples observação das definições de um dicionário do senso comum, revelam-se dois movimentos tensivos: uma diminuição do SABER acoplada a um aumento do CRER nessa mesma ordem. Uma demonstração se fundamenta no saber e prescinde do crer ou minimiza-o; uma argumentação tenta fazer prevalecer um saber (novo)

sobre o crer (anterior); e uma persuasão promove um crer adesivo, ainda que, para fazê-lo, tenha de atropelar algum saber.

Assim, ao invés de atacar esses conceitos (persuasão, argumentação, demonstração) pelos ângulos de incidência de uma ou outra disciplina, a semiótica procurou primeiramente verificar, no amplo movimento interno que foi o estudo das *modalizações* sintáticas dos discursos, exatamente como se dispõem no tabuleiro dos discursos os movimentos do *saber* e do *crer*. Isso, sobretudo porque, diferentemente das teorias da comunicação então concorrentes, ela entendeu que a comunicação entre os homens é menos a transferência ou transmissão de informações, um *fazer-saber*, e mais um contrato fiduciário, incidente sobre o *crer*, um *fazer-crer*. Noutros termos, sem garantias de uma verdade intrínseca do mundo, nosso pouco de saber sobre o mundo está plenamente invadido pelo nosso *crer* nos outros. De toda forma, antes de partir para definições mais empenhadas sobre a argumentação, a demonstração e a persuasão, ela se lançou no interior do universo cognitivo partilhado pelo saber e o crer.

Numa primeira fase da teoria, é consensual dizer que o “ponto de vista” lançado sobre o modo de construção da significação dos discursos foi incidente no seu aspecto “gerativo” e descrito sob as relações de contrariedade e contradição acionadas pelo quadrado semiótico. Podemos dizer, resumidamente, que o universo das modalidades do saber e do crer foi descrito em termos “categoriais”, isto é, alocado nas categorias previstas no quadrado semiótico. Então vimos esse espaço teórico ser descrito em termos de FAZER-SABER/FAZER-NÃO-SABER/NÃO-FAZER-NÃO-SABER/NÃO-FAZER SABER; FAZER-CRER/FAZER-NÃO-CRER/NÃO-FAZER-CRER/NÃO-FAZER-NÃO-CRER. Numa segunda fase da teoria, estamos atualmente assistindo a uma sobreposição, a esse ponto de vista categorial, de um ponto de vista “gradual”, “tensivo”, não mais como articulações contrárias ou contraditórias, mas como segmentações vetoriais, isto é, que apontam para uma tensão a aumentar cada vez mais de intensidade, ou para uma distensão/relaxamento que diminua mais e mais, ou no menos e menos de tensão para o polo inverso. Trata-se do ponto de vista tensivo, que vem a complementar e, por vezes, retificar o ponto de vista gerativo/categorial. Mas esse novo ponto de vista não é totalmente recente. Senão vejamos.

Se tomarmos a sugestão de Greimas (1983, p.115-133) de que entre o saber e o crer – que defende como um “mesmo universo cognitivo” em texto memorável do livro *Du Sens II* –, há um jogo “elástico” que força, de um lado, para uma tensão de polarização categórica e, de outro, para uma distensão que pode fazê-los confundirem-se, então talvez seja cabível pensar na hipótese de que possamos definir semioticamente, com mais propriedade, a argumentação (na inter-relação diferencial com seus correlatos, persuasão e demonstração) examinando justamente essa elasticidade tensiva entre o crer e o saber. Tendo

discutido teórica e liminarmente a questão em estudo anterior (LOPES; BEIVIDAS, 2007), propomos agora uma verificação local do alcance operatório de tais noções, quando do trabalho com textos concretamente manifestados.

A pesquisa aqui lançada quer testar, ilustrativamente num conto de Guimarães Rosa, até que ponto se pode manter como recorrente esta hipótese, simplificada ao mínimo necessário: o *crer tensiona* e o *saber distensiona*. Mais e mais crer, maior tensão; mais e mais saber, maior distensão, estando nas valências intermediárias e “elásticas” desses vetores a nossa situação geral de homens sem garantia de verdade. Espera-se com isso que, examinando com mais exaustividade esses movimentos vetoriais tensivos do saber e do crer, possamos encontrar, nesses conceitos de demonstração, argumentação e persuasão, outros efeitos de sentido inusitados até o presente momento. O laboratório de nossa experiência ilustrativa, aqui, é um conhecido conto de Guimarães Rosa (em *Primeiras estórias*, cuja publicação original data de 1962), “Famigerado”.

### **“Foi de incerta feita...”**

Ao relatar a confrontação, numa cidadezinha de sua região natal, entre um sujeito instruído e o cavaleiro que surge inopinadamente a cobrar esclarecimentos, Guimarães Rosa (1985) nos fornece fértil material para refletir sobre as relações entre o crer e o saber, tais como se concretizam nesse universo tão singular. A par da óbvia determinação exercida pelas posições sociais de umas e outras personagens (o médico do lugarejo, o jagunço de grande notoriedade...), e que responde em parte pela relevância literária da obra, queremos chamar a atenção para as determinações *táticas* dentro dessa breve história e para o modo como estas atuam na dimensão cognitiva do relato. Estamos nos referindo às três grandes dimensões reconhecidas tradicionalmente pela teoria semiótica da narratividade, a saber, a dimensão pragmática (domínio do fazer), a cognitiva (domínio do saber e do crer) e a dimensão tímica ou afetiva (domínio do sentir). Como se sabe, ação, cognição e paixão constituem os três polos básicos ao redor dos quais a semiótica estrutura os conteúdos de uma história, procurando compreender-lhes a interação e organicidade. Diferenciadas essas três linhas da narratividade, é claro que a análise deve ser também capaz de enxergar-lhes as múltiplas interconexões para ter alguma operacionalidade descritiva, uma vez que os textos concretamente existentes vivem a entremesclar, na sua variedade de efeitos de sentido, as coisas que a paciente dissecação metodológica tem a obrigação de discriminar em categorias bem delimitadas.

Tudo leva a pensar, num primeiro momento, que um dos fatores de discriminação entre o *saber* e o *crer* reside na frequente convocação, pelo crer, não apenas da dimensão cognitiva da narratividade, como igualmente da sua

dimensão tímica; a teoria semiótica das modalidades não se pronuncia, ela mesma, sobre a questão de decidir se o crer estaria original ou legitimamente vinculado a um ou outro desses âmbitos narrativos, contentando-se em constatar a tendência “invasiva” dessa modalidade por relação às dimensões do relato. Os variados modos de interação modalidades/dimensões deixam-se ver também na interface do saber com o fazer (dimensão cognitiva/dimensão pragmática), interface implicada, por exemplo, na distinção costumeira entre os discursos científicos (ligados à construção de um objeto-saber), tecnológicos (saber fazer, isto é, *savoir-faire* ou *know-how*) e didáticos (fazer saber).

Para nossos propósitos imediatos, o que deve ocupar o primeiro plano é a observação dos jogos entre saber e crer, bem como as tensões aí envolvidas. O aumento e a diminuição da carga passional – do medo, antes de mais nada – em “Famigerado” está na dependência das ilações feitas por aquele que, nessa história, diz “eu” (vamos chamá-lo narrador) a partir do que lhe é dado captar da aparência e dos modos do sertanejo “solerte” (Damázio, dos Siqueiras) que lhe vem à porta, seguido por três outros cavaleiros pouco à vontade, constrangidos a obedecer-lhe as ordens.

## Oscilação tensiva do medo

Sob o ponto de vista das modulações da tensão passional, a história de “Famigerado” não se deixa reduzir a um esquema direcional único, seja este ascendente ou descendente. É inegável que o final da narrativa estabiliza um estado distenso para o médico/narrador, mas isso se dá ao cabo de uma série de oscilações tímicas ao longo das quais ele, o interpelado, tendo sido tomado de inquietude – por ele chamada, no § II, de “grande dúvida”, num uso do termo cognitivo em lugar do tímico – logo de início, percorrerá diversos valores da escala passional centrada no medo, desde a desconfiança (parágrafos iniciais) até o pavor, no § XV, ápice passional do texto, quando lhe ocorre que o matador possa ter comparecido, tangido por intriga de terceiros, para lavar com o sangue dele, médico, a honra supostamente maculada.

Podemos registrar, de passagem, que tal pico passional se dá justamente quando o doutor concebe a hipótese dessa intriga urdida por um terceiro mal-intencionado e não identificado, o que de pronto significa a abertura de um leque dificilmente delimitável de fontes do seu aperto presente em face de Damázio. Discorrendo sobre a escala passional do medo – temor, terror... –, Jacques Fontanille (2005) assinala, entre suas características, a variabilidade das fontes potenciais desses sentimentos. Desde os estados em que a fonte do medo é difusa ou identificável a custo (inquietude, ansiedade), passando pelos medos experimentados diante de um objeto bem singularizado (sobressalto, espanto)

até os estados de terror, em que todo e qualquer objeto pode se converter em fonte de medo<sup>3</sup>. Toda a extensão do campo perceptivo de um dado sujeito pode, portanto, ser atravessada de ponta a ponta pelas múltiplas espécies de medos; para retornarmos a “Famigerado”, não é de admirar que o máximo de intensidade passional esteja situado no ponto de maior indeterminação, para o médico/narrador, da fonte última de seu embaraço, ao mesmo tempo em que o sujeito reparador do imaginado dano se mantém ali, perfeitamente palpável e pronto para liquidá-lo.

O texto gerencia, portanto, os ascensos e descensos de tensão pela ótica desse narrador, surpreendido, um dia qualquer, pela chegada a sua casa daquele grupo de cavaleiros desconhecidos. Desde esse instante, o medo e os sentimentos conexos assaltarão o narrador com intensidade variando em função daquilo que, a cada momento, ele pode diretamente *observar* (a linguagem somática sincretizada no comportamento de seus visitantes, por exemplo) e das *inferências* que irá fazendo a partir de tais observações, somadas aos saberes e crenças constitutivos de sua posição social (médico do vilarejo). Para o leitor, podemos esquematicamente dizer que as coisas reportadas como *observadas* pelo narrador são da ordem do saber, ao passo que as coisas *inferidas* por ele são, em princípio, da ordem do crer: o narrador crê que Y porque observa (sabe) que X. Acrescentemos a tais componentes da cena presente o peso das coisas que são do seu conhecimento por ouvir-dizer, e que são ora “saberes” de seu campo de atuação profissional (“Sei o que é influência de fisionomia”, § II), ora informações nas quais ele pode “crer” em maior ou menor medida (“Damásio, quem dele não ouvira? O feroz de estórias de léguas [...]. Constando também, se verdade, que de para uns anos ele se serenara...”). Juntos, esses conteúdos cognitivos interagem para compor o quadro modal em que evolui o narrador.

Ocorre que serão, para o narrador, as ilações produzidas que, afinal de contas, determinarão, para além do simples quadro modal, seus estados de ânimo. Essas ilações, quando seu tipo de raciocínio é identificável, apresentam-se:

(i) ora como implicações: “se X, então Y”. É o que se vê, por exemplo, logo no II §, quando o narrador infere, da “cara de nenhum amigo” de seu recém-chegado visitante, suas disposições belicosas: “Saíra e viera, aquele homem, para morrer em guerra.”;

(ii) ora como concessões: “embora X, ainda assim Y”. No § IV, embora Damázio fale com o narrador em tom mais calmo, para este ainda prevalecem as impressões que anota a seguir: “Mas avessado, estranhão, perverso brusco, podendo desfechar com algo, de repente, por um és-não-és”;

---

<sup>3</sup> Confira Fontanille (2005).

(iii) ora, enfim, como um raciocínio menos nítido, que talvez se possa chamar de abduativo, numa acepção próxima da de Peirce, pelo qual o narrador tenta adivinhar as intenções cifradas de Damázio, num movimento que é decerto mais da ordem tímica do que propriamente da ordem cognitiva<sup>4</sup>. Como no seguinte trecho do § XI: “A conversa era para teias de aranha. Eu tinha de entender-lhe as mínimas entonações, seguir seus propósitos e silêncios.” Esse ponto, especialmente pertinente para o texto em exame, voltará a nos ocupar dentro de instantes.

## Táticas temporais

Ao longo do diálogo, ambas as partes, narrador e Damázio, trabalham as durações de forma a obter o que buscam, valendo-se, cada qual à sua maneira, da assimetria social, cultural e situacional que as diferencia.

Damázio, apesar de querer tirar a limpo a dúvida sobre o caráter insultuoso ou não do qualificativo a ele atribuído pelo moço do governo, começa apenas a entrar no assunto e logo parece arrepender-se, passando a tergiversar, lançando-se num “jogo sonso” por fora do tópico que ali o traz, até que retorna subitamente a este, fazendo ao narrador a pergunta central sobre a significação de *famigerado*.

Quanto ao narrador, a situação intimidante o leva a arquitetar suas possibilidades de escapatória frente àquele cavaleiro, possivelmente vindo para executá-lo, cujo renome de feroz assassino desrecomenda cruzar-lhe o caminho. Se o *incipit* do conto corresponde a um acontecimento sucedido sem prenúncio (“o evento”), todo o restante do texto nos expõe a luta cognitiva do médico para, uma vez quebrado o sossego do dia no arraial, tentar recobrar algum domínio da situação ou, conforme diz o próprio narrador, tentar minimizar a “extrema ignorância em momento muito agudo” (ROSA, 1985, p.14). Em outras palavras, ele se esforça por restituir, no desenrolar do diálogo, algo das etapas temporais queimadas quando da irrupção desestabilizante do homem armado. “Muito de macio, mentalmente, comecei a me organizar” (§ IV). É com o mesmo propósito de ganhar tempo, de organizar-se taticamente, que o protagonista, já perto do desfecho do episódio, enunciará aquela série de sinônimos de *famigerado*, todos opacos para o jagunço (“célebre”, “notório”, “notável”), a fim de poder adequar sua última resposta às reações do outro. O narrador, aí, está mineiramente “esperando pela cor da fumaça”, o que deve lhe permitir escapar do pior.

---

<sup>4</sup> Uma das definições mais conhecidas de “abdução” em Peirce (2009): “A abdução é o processo de formulação de uma hipótese explicativa. [...] A dedução prova que algo deve ser. A indução mostra que algo é operatório de fato. A abdução apenas sugere que algo pode ser”.

Essa busca do resgate de uma duração repentinamente pulverizada traduz o dispositivo explicitado por Zilberberg em escritos recentes, sob a denominação de *modos de eficiência*: “a maneira como uma grandeza é passível de penetrar no campo de presença” (ZILBERBERG, 2006, p.222, tradução nossa). Em síntese, a ideia é que o eixo geral do *advir* [fr. *advenir*] no discurso se bifurca em um modo do *sobrevir* [fr. *survenir*] – brusca irrupção do inesperado, seja ele disfórico ou eufórico para o sujeito – e um modo do “*pervir*” [fr. *parvenir*], retro-neologismo em português, aqui proposto para assinalar o valor de percurso, de trajetória progressiva a ser trilhada numa velocidade minimamente razoável, vale dizer, suficientemente desacelerada para que o sujeito não perca o controle do que está vivenciando.

Sem anunciar-se, e principalmente sem avisar, o sobrevir virtualiza a atitude modal do sujeito, cujas competências validadas ele aniquila **ex abrupto**. [...] o sujeito se esforça por reconstituir o tempo da atualização, o tempo das preparações e dos cálculos que, justamente, o sobrevir exterminou. (ZILBERBERG, 2006, p.233)

Sacudido pelo irromper dos cavaleiros a sua porta (o sobrevir), o narrador multiplicará as tentativas de dominar o que se passa, tendo de recorrer a todo e qualquer indício do interlocutor para poder traçar um percurso de recuperação da sua competência modal (reconstrução de um “pervir”), dentro de circunstâncias adversas.

O conto mostra, assim, um microuniverso particularmente enviesado em que cada um vai sondando como pode, pelos meios disponíveis na situação do aqui-e-agora, as intenções do outro, no intuito, se não forçosamente de eliminá-lo, pelo menos de obter o que lhe importa. Esse tipo de colóquio não pode deixar de evocar as formas “obliquas” da inteligência que, ao longo da história e nas mais diversas latitudes, acompanharam, contrabalançando-a – ora com mais intimidade, ora mais à distância, ora em pé de igualdade, ora relegadas a estatuto inferior –, a inteligência apolínea e clara baseada no pensar racional. “Famigerado” traz, nas sonsas simulações e dissimulações de cada personagem perante as outras, um concentrado dessa inteligência torta, de tipo prático, de quem precisa “se virar”; daí a constante interação e mesmo a permeabilidade das dimensões cognitiva e pragmática, que no nosso caso se traduz numa **tática** do confronto mais ou menos velado. Essa forma de pensamento (e de ação) é comentada por M. D tienne e J. P. Vernant que, ao falar da Grécia antiga em *Les ruses de l’intelligence*, explicam:

*A m tis*   realmente uma forma de inteligência e pensamento, um modo do conhecer; envolve um conjunto complexo, porém muito coerente, de atitudes mentais, de comportamentos intelectuais a combinar o faro, a sagacidade, a precisão, a flexibilidade de espírito, o ardil, a esperteza,

a atenção vigilante, o senso da oportunidade, habilidades diversas, experiência longamente adquirida. Aplica-se a realidades fugazes, moventes, desconcertantes e ambíguas, que não se prestam nem à mensuração precisa, nem ao cálculo exato, nem ao raciocínio rigoroso. (DÉTIENNE; VERNANT, 1974, p. 10).

No texto de Guimarães Rosa, não custa reconhecer que essa inteligência prática/tática – de tipo predominantemente abduativo, nos termos de Peirce (2009) – ocupa lugar de relevo, com importância ao menos equivalente, para não dizer superior, à do raciocínio propriamente argumentativo dirigido à razão. A parte final do diálogo não deixa dúvida a esse respeito: instado pelo pistoleiro a definir o termo *famigerado*, o letrado local começa por “habitar preâmbulos”, busca algum auxílio nos três cavaleiros mudos e enumera, logo a seguir, alguns sinônimos do termo em pauta, todos eles desconhecidos do sertanejo que o interroga. Ante a insistência de Damázio, o médico ainda profere algumas palavras “difíceis”, sendo interrompido pela impaciência do valentão, que exige a tradução em miúdos daquele palavrório erudito. Somente aí é que esclarece: “Famigerado? Bem. É: ‘importante’, que merece louvor, respeito...”, acrescentando, para dissipar qualquer resto de má disposição do outro, “Olhe: eu, como o sr. me vê, com vantagens, hum, o que eu queria uma hora destas era ser famigerado – bem famigerado, o mais que pudesse!...”. Distensão de Damázio. Notemos que sua inquietude sobre a possível ofensa à honra se esvai graças à proferição, pelo doutor, de algo que é, no mínimo, uma meia mentira. “Importante” não é o mesmo que *famigerado*, nem, menos ainda, “que merece louvor, respeito”. Quer dizer que o médico age, dada a circunstância mais que embaraçosa, como um verdadeiro *trickster*, papel tão recorrente na literatura, mas também nos mitos e lendas pelo mundo afora. Vale a pena ouvir, mais uma vez, Détienne e Vernant sobre esse ponto:

De maneira mais geral, a *métis* grega levanta o problema da posição ocupada na economia dos mitos de numerosos povos pela personagem do tipo “trapaceiro”, aquela que os antropólogos anglo-saxões costumam designar pelo nome de *trickster*, o enganador. (DÉTIENNE; VERNANT, 1974, p. 13).

Para nosso protagonista/narrador, importa, em primeiro lugar, desembaraçar-se do impasse em que se vê metido involuntariamente. Que, para tanto, deva forçar um pouco a flexibilidade semântica da língua não chega a constituir-lhe embaraço de maior monta: “Se certo! Era para se empenhar a barba. Do que o diabo, então eu *sincero* disse...”. O termo aí sublinhado por nós indica bem a disposição de solucionar da melhor forma a situação, isto é, na prática, de salvar a própria pele. Jogo de astúcias, todo truncado, da defrontação entre os homens desse mundo de Guimarães Rosa. Num âmbito mais geral, vemos aí os efeitos, para o sujeito narrativo (nesse caso, o médico), da aproximação, sem aviso prévio,

da morte: (i) intensificação passional, variando em razão direta da menor ou maior proximidade do instante fatal que o protagonista *crê* ser iminente desde aquele ponto inaugural da chegada dos cavaleiros; (ii) alteração, em consequência, das relações entre as ordens cognitiva, pragmática e tímica, por conta da necessidade premente de valer-se, tanto quanto possível, de toda a *métis*, de toda a finura e sutileza que lhe esteja ao alcance.

É apenas ao improvisar uma saída pela tangente que o nosso médico esquiva a possível ferocidade do renomado assassino surgido para espremer-lhe uma pronta resposta; dessa maneira, querendo ou não, é ao agir como autêntico velhaco ou *malandro* que o doutor se safava da linha de tiro. Nisso, ele se irmana a outra figura de personagem “notável” apenas evocada nesse conto, a figura do padre do São Âo, único homem douto daqueles sertões além do médico, e a quem Damázio evita consultar porque, como ele diz, “com padres não me dou: eles logo engambelam” (§ XVI). “Engambelar” é exatamente, nem mais nem menos, o que faz o doutor com o jagunço nessa história. Temos aí uma senha que se presta, sem dúvida, à reflexão sobre a inserção cultural do conhecido conto rosiano. Não sendo esse nosso propósito no presente estudo, vamos nos contentar em observar que nosso breve itinerário nos levou, primeiramente, de uma pequena *retórica* da argumentação-persuasão para uma *gramática* modal e tensiva e, desta, para as pistas iniciais (dadas as questões de caráter das personagens em pauta) em direção a uma peculiar *dialética*... da malandragem. Qualquer semelhança com antigas tradições do ensino das Humanidades não será mera coincidência.

## Para concluir

Um dos traços caracterizadores da abordagem semiótica, a singularizá-la em meio às disciplinas vizinhas, sempre foi sua condição de “intermediária” quando nos reportamos às duas grandes linhas de investigação que, desde a Antiguidade, alimentaram os estudos sobre a linguagem, a saber, as tradições que F. Rastier<sup>5</sup> denomina “lógico-gramatical”, por um lado, e “retórico-interpretativa”, por outro. A distinção entre elas liga-se, entre outras coisas, à preferência pela dissecação de pequenos enunciados – palavras, sintagmas ou frases – muitas vezes descontextualizados (na linhagem lógico-gramatical) ou pela interpretação de textos situados no interior de conjuntos mais vastos, como por exemplo, os gêneros de discurso a que estes pertencem, ou ainda o intertexto que lhes trabalha a significação (na linhagem retórico-hermenêutica). Os primeiros passos da semiótica de A. J. Greimas foram bastante marcados pelo desejo de “gramaticalizar” as amplas estruturas transfrasais dos textos e tal desejo levou à

---

<sup>5</sup> Consulte-se, a propósito, a breve apresentação dessas duas tradições nas páginas iniciais do artigo de Rastier (2008).

edificação desse “sistema de sistemas” – cuja fecundidade analítica, em que pesem suas amplamente apontadas insuficiências, está há tempos demonstrada – que é o percurso gerativo. Na fase mais recente, exames epistemológicos tais como, entre outros, o de Rastier, tendem a valorizar mais e mais a faceta retórico-hermenêutica, defendendo a pertinência das variáveis contextuais para uma boa leitura do texto em si, ideia que ninguém em sã consciência pensaria em rejeitar.

De nossa parte, pensamos ser um trunfo da semiótica essa condição dúplice, ou, se se quiser, ambígua. Para aqueles que não suportam ambiguidades, e são legião mesmo hoje em dia nas ciências da linguagem, essa condição tem tudo de condenável; mas, para nós, são valiosas ambas as perspectivas a que nos referimos, e os estudos semióticos não devem prescindir de uma nem de outra. Sem sua atividade “gramaticalizante”, a semiótica acabaria por dissolver-se num discurso intuitivo e interpretativo em meio a tantos outros que se engalfinham sempiternamente na guerra das ideologias políticas, éticas, estéticas, etc. Por outro lado, se não se importasse minimamente com a inserção contextual dos textos que examina, a semiótica se arriscaria a ficar desmontando e montando quebra-cabeças intratextuais, perdendo de vista a relevância que pode levar ou não esses mesmos textos a circularem nas trocas humanas. É preciso reconhecer que há muito por fazer em prol da integração dessas duas perspectivas, que, na maior parte do tempo, entreolham-se com desconfiança, mas que podem colaborar proveitosamente pela compreensão do discurso e do texto.

BEIVIDAS, W; LOPES, I. C. *Reasoning and persuasion: tension between believing and knowing in “Famigerado”, by Guimarães Rosa. Alfa, São Paulo, v.53, n.2, p.443-455, 2009.*

- **ABSTRACT:** *In order to check up the virtues and limits of Paris School semiotic models about relations between reasoning and persuasion in imaginary situations where fiction characters find themselves intimidated or threatened, we discuss in this article (i) the interaction of modal values of believing and knowing; (ii) the modulation of confidence and fear along with oscillations of an emotional tension-line; (iii) inferences characters draw in a rather abductive way while trying to guess each other's secret intentions. These issues are examined in a short story, “Famigerado” (in *Primeiras Estórias*, 1962), by well-known Brazilian writer João Guimarães Rosa.*
- **KEYWORDS:** *“Famigerado”. Guimarães Rosa. Narrativity. Passions. Believing. Knowing. Persuasion.*

## REFERÊNCIAS

DÉTIENNE, M.; VERNANT, J. -P. *Les ruses de l'intelligence: la mètis des Grecs.* Paris: Flammarion, 1974.

FONTANILLE, J. *Peur, crainte, terreur, etc.* In: RALLO-DICHTE, E.; FONTANILLE,

J.; LOMBARDO, P. *Dictionnaire des passions littéraires*. Paris: Belin, 2005. p. 215-216.

GREIMAS, A. J. *Du sens II: essais sémiotiques*. Paris: Seuil, 1983.

HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Tradução de J. Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LOPES, I. C.; BEIVIDAS, W. Veridicção, persuasão, argumentação: notas numa perspectiva semiótica. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 9, n. 1, p.32-41, 2007.

PEIRCE, C. S. *Collected papers: pragmatism and pragmaticism*. v.5. Disponível em: <<http://www.textlog.de/7658.html>>. Acesso em: 20 mar. 2009.

RASTIER, F. Rhétorique et interprétation des figures. In: BADIR, S.; KLINKENBERG, J. -M. (Dir.). *Figures de la figure: sémiotique et rhétorique générale*. Limoges: PULIM, 2008. p.81-101.

ROSA, J. G. Famigerado. In \_\_\_\_\_: *Primeiras estórias*. 14. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p.13-17.

ZILBERBERG, C. *Éléments de grammaire tensive*. Limoges: PULIM, 2006.

### **Bibliografia Consultada**

BADIR, S.; KLINKENBERG, J. -M. (Dir.). *Figures de la figure: sémiotique et rhétorique générale*. Limoges: PULIM, 2008.

FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, C. *Tensão e significação*. Tradução de I. C. Lopes, L. Tatit e W. Beividas. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas, 2001.

GREIMAS, A. J. L'énonciation: une posture épistémologique. *Significação: revista brasileira de semiótica*, Ribeirão Preto, n.1, p.9-25, 1974

RALLO-DICHTE, E.; FONTANILLE, J.; LOMBARDO, P. *Dictionnaire des passions littéraires*. Paris: Belin, 2005.

Recebido em março de 2009.

Aprovado em maio de 2009.

